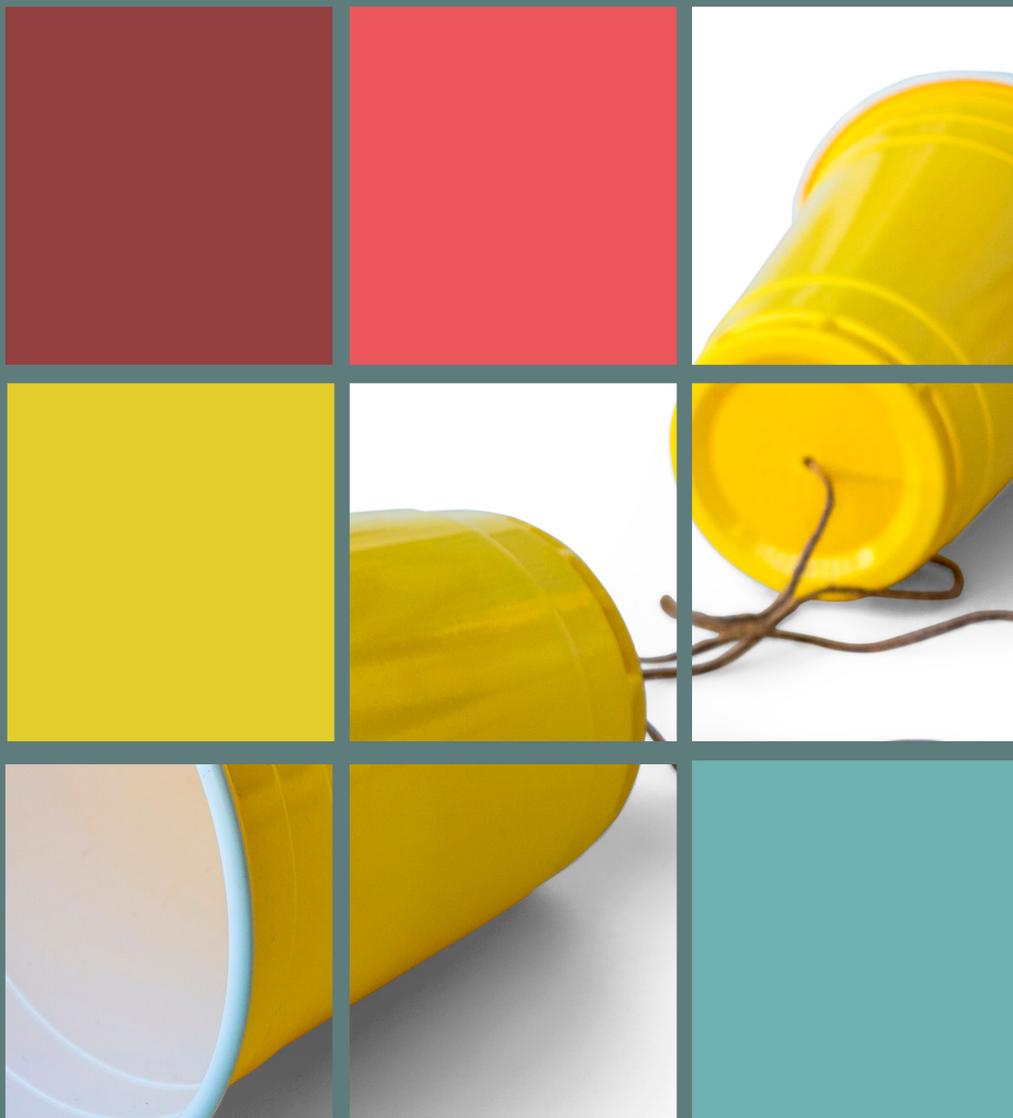
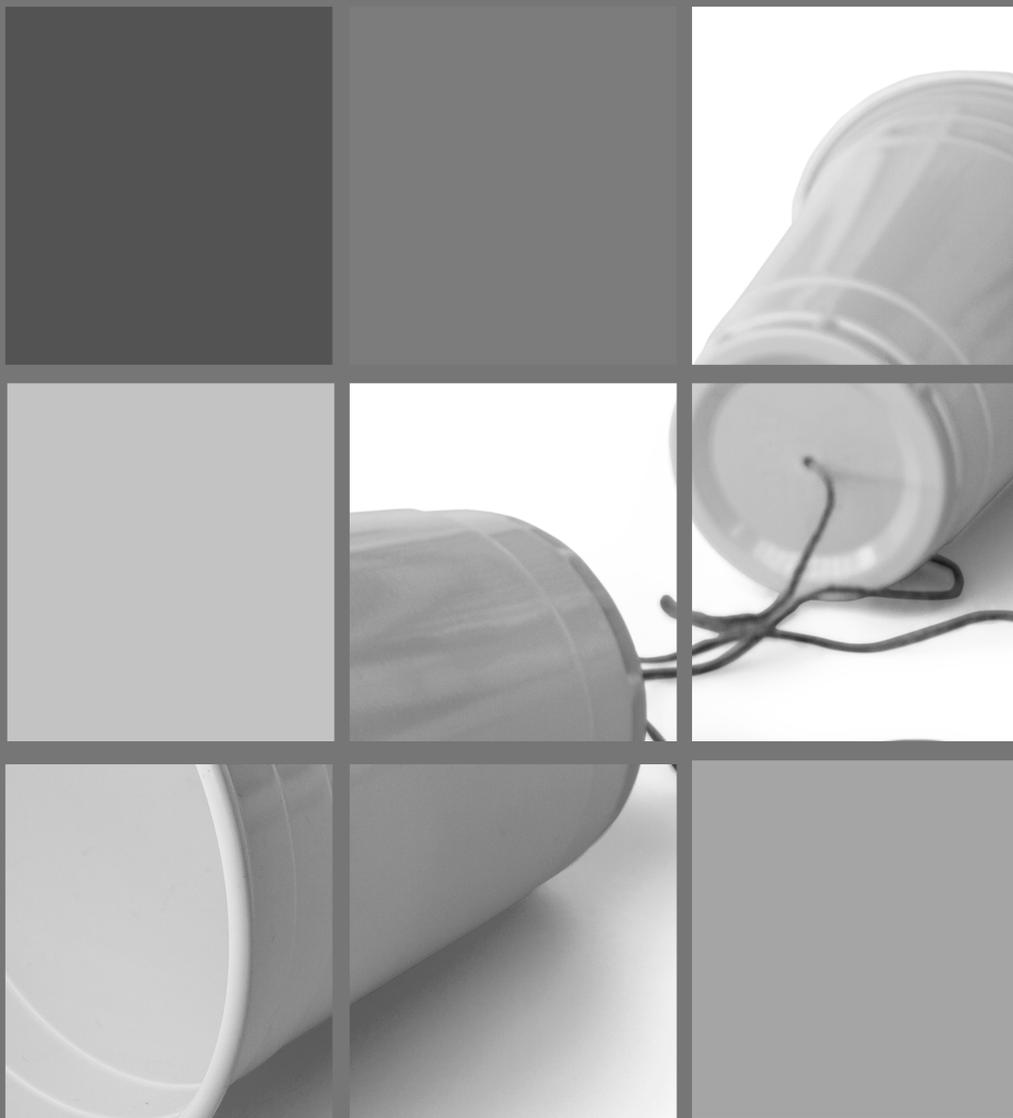


Marcelo Pereira da Silva
(Organizador)



O Imaginário Mágico nas
Ciências da Comunicação

Marcelo Pereira da Silva
(Organizador)



O Imaginário Mágico nas
Ciências da Comunicação

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

O imaginário mágico nas ciências da comunicação

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Marcelo Pereira da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

I31 O imaginário mágico nas ciências da comunicação /
Organizador Marcelo Pereira da Silva. – Ponta Grossa -
PR: Atena, 2020.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5706-615-7
DOI 10.22533/at.ed.157202411

1. Comunicação. I. Silva, Marcelo Pereira da
(Organizador). II. Título.

CDD 302.23

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos.

APRESENTAÇÃO

O e-book “O Imaginário Mágico nas Ciências da Comunicação” aglutina não apenas as possibilidades que o campo da Comunicação enseja, mas também os desafios que se erigem na/da sociedade contemporânea, marcada pelo crescente processo de midiatização, pela fragmentação do vínculo social, pela dificuldade de convivência e compreensão de pontos de vista contraditórios, pelo império das narrativas em detrimento dos fatos, pela recusa à efemeridade da ciência, pela vigilância e punição do contrário, pela dessincronia entre ética e estética, etc.

Os avanços tecnológicos, fundamentais ao desenvolvimento da sociedade, dos Estado-nação, dos sujeitos e organizações, portam aporias que devem ser postas na mesa para um tipo de “acerto de contas” que minimize seus efeitos nocivos e potencialize os benefícios que proporcionam ao planeta, sobretudo aos países que primam pela democracia e não flertam com regimes totalitários que ainda existem, como o comunismo.

O tempo de incertezas e dramaticidade pelo qual o mundo passa é a ribalta na qual esta obra foi pensada: reunir pesquisadores de diferentes áreas para jogar luz ao imaginário da Comunicação diante da violência simbólica produzida por variados espectros ideológicos que se capilariza em ambientes on-line e off-line, criando verdadeiras trincheiras que solapam as alteridades, obstaculizam a coabitação e ferem a dignidade humana, aquela que não tem classe, etnia, religião, sexo, que é “humanamente humana”, que tipifica cada sujeito que habita o planeta em sua singularidade e todos os habitantes da terra-mundo.

Esta obra se constitui de artigos que abarcam estudos interdisciplinares sobre distintos objetos da Comunicação, aprofundando em teorias, estratégias, análises, metodologias e processos que propõem mudanças de direção, reformulações e ressemantizações para um campo que se encontra em permanente dialética e é essencialmente dialógico.

A Comunicação, nos múltiplos sentidos constituídos pelos autores de cada um dos 17 artigos deste e-book, é uma grande obra que ainda está construção, sempre investida de magia, mágica e imaginários.

Marcelo Pereira da Silva

SUMÁRIO

MÍDIA, DISCURSO E CONSUMO

CAPÍTULO 1..... 1

FORMAÇÃO DISCURSIVA E ORDEM DE DISCURSO EM PROGRAMAS POPULARES: ANÁLISE DO DOCUMENTO ESPECIAL E BALANÇO GERAL

Marcelo Pereira da Silva

Carlos Alberto Garcia Biernath

Kelly de Conti Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.1572024111

CAPÍTULO 2..... 13

SAÚDE EM FOCO: UMA ANÁLISE DAS NOTÍCIAS SOBRE SAÚDE VEICULADAS POR UM TELEJORNAL DO ESTADO DO TOCANTINS

Meirylaine Pereira Bezerra Viegas

Larissa Queiroz Azevedo de Aquino

Vilker Nascimento Bezerra de Aquino

Celso Henrique Viegas Pereira

DOI 10.22533/at.ed.1572024112

CAPÍTULO 3..... 19

COMUNICAÇÃO, GÊNERO E SOCIABILIDADE: PRECONCEITO ÀS MULHERES PRESENTE NA MÍDIA BRASILEIRA

Katia Maria Belisário

DOI 10.22533/at.ed.1572024113

CAPÍTULO 4..... 30

ESTUDIO DE LA GESTIÓN DEL CONTENIDO DE GÉNERO EN LA PUBLICIDAD: ALORACIÓN DE LAS ESTRATEGIAS EMPLEADAS POR LOS ANUNCIANTES ESPAÑOLES Y APORTACIONES PARA EVITAR LA PUBLICIDAD SEXISTA

Emma Torres-Romay

Silvia García-Mirón

DOI 10.22533/at.ed.1572024114

CAPÍTULO 5..... 44

MÍDIA E FRONTEIRA: A MÍDIA DE REFERÊNCIA BRASILEIRA NO CONTEXTO DO COLONIALISMO E DO IMPERIALISMO MODERNO

Kelly Sinara Alves de Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.1572024115

CAPÍTULO 6..... 55

RELIGIÃO E CONSUMO: UM ESTUDO SOBRE A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS

Adille Rigoni Massimini

Andrey Albuquerque Mendonça

DOI 10.22533/at.ed.1572024116

CAPÍTULO 7	70
MEMÓRIAS SOBRE A REVISTA “INTERVALO”: HISTÓRIA ORAL E PESQUISA	
Talita Souza Magnolo	
Rosali Maria Nunes Henriques	
DOI 10.22533/at.ed.1572024117	
CAPÍTULO 8	83
A CARACTERÍSTICA REGIONAL DO RÁDIO NA REDE CATÓLICA: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A REDE CANÇÃO NOVA DE RÁDIO	
Elane Gomes Santos Coutinho	
DOI 10.22533/at.ed.1572024118	
CAPÍTULO 9	96
CHARGES EM REDE: OS DISCURSOS ACERCA DA MAIORIDADE PENAL NO FACEBOOK	
Lívia Fernanda Nery da Silva	
Leonildes Pessoa Facundes	
DOI 10.22533/at.ed.1572024119	
REDES SOCIAIS DIGITAIS, EDUCAÇÃO, CULTURA E CINEMA	
CAPÍTULO 10	105
O ARTESANATO EM SÃO LUÍS-MA: TRANSFORMAÇÕES E PERMANÊNCIAS NAS RELAÇÕES DE PRODUÇÃO E CONSUMO ARTESANAL NA CONTEMPORANEIDADE	
Ádilla Danúbia Marvão Nascimento Serrão	
DOI 10.22533/at.ed.15720241110	
CAPÍTULO 11	117
PROCESSOS TECNOLÓGICOS E PRODUÇÃO DE IMAGENS: PESQUISA E TRANSFORMAÇÃO COM SUJEITOS DE BAIRRÓS POPULARES	
Valnice Sousa Paiva	
Eliana da Silva Neiva Brito	
Jailda Souza do Nascimento	
Letícia Araújo Lima	
Maria José Pitanga Suzart da Silva	
Moizes Ferreira de Paula Neto	
Reijane dos Anjos Figueredo	
Sarlete Almeida Santana Santos	
DOI 10.22533/at.ed.15720241111	
CAPÍTULO 12	131
REDES SOCIAIS, UM NOVO JEITO DE SE COMUNICAR NA SOCIEDADE ATUAL	
Rafael Luiz Sanches do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.15720241112	
CAPÍTULO 13	145
PLATAFORMAS, DISPOSITIVOS INTERACIONAIS E CIRCULAÇÃO: MAPEAMENTO DO	

EPISÓDIO “VAZA JATO”

Diosana Frigo

Luan Moraes Romero

Viviane Borelli

DOI 10.22533/at.ed.15720241113

CAPÍTULO 14..... 159

TELEPACÍFICO LABELS PROJECT: ¿TRANSMEDIA OR NON-TRANSMEDIA?

Ismael Cardozo Rivera

DOI 10.22533/at.ed.15720241114

CAPÍTULO 15..... 174

EDUCAÇÃO FINANCEIRA X GAMIFICAÇÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Waleria Lindoso Dantas Assis

DOI 10.22533/at.ed.15720241115

CAPÍTULO 16..... 184

PROCESSOS COGNITIVOS NO JOGO DE REGRAS RUMMIKUB À LUZ DO APORTE TEÓRICO PIAGETIANO

Luciana Ramos Rodrigues de Carvalho

Francismara Neves de Oliveira

Églin Ribeiro dos Santos

Sérgio Luís Evangelista de Almeida

DOI 10.22533/at.ed.15720241116

CAPÍTULO 17..... 199

IDEOLOGIA E DISTOPIA NO CINEMA PÓS-MODERNO: ANÁLISE DOS FILMES JOGOS VORAZES E DIVERGENTE

Marlon Sandro Lesnieski

Reinaldo José Nunes

DOI 10.22533/at.ed.15720241117

SOBRE O ORGANIZADOR..... 213

ÍNDICE REMISSIVO..... 214

CAPÍTULO 3

COMUNICAÇÃO, GÊNERO E SOCIABILIDADE: PRECONCEITO ÀS MULHERES PRESENTE NA MÍDIA BRASILEIRA

Data de aceite: 01/12/2020

Data de submissão: 01/10/2020

Katia Maria Belisário

Faculdade de Comunicação

Universidade de Brasília – Brasília-DF

<http://lattes.cnpq.br/6936997408702163>

Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho G6 – Comunicação, Gênero e Preconceito do Seminário Alaic Cone Sul Goiânia 2017.

RESUMO: Este artigo trata da análise do preconceito de gênero presente na mídia brasileira. O objeto de estudo é o noticiário de violência contra a mulher em dois jornais do país: o jornal popular *Super Notícias*, de Belo Horizonte, e *O Globo*, do Rio de Janeiro. *O Globo* é um dos principais jornais de referência do Brasil. Ambos foram selecionados por serem os mais vendidos, com circulação de 249.297 e 193.079, respectivamente, conforme dados do Instituto Verificador de Circulação - IVC/2015. O objetivo é verificar o tratamento reservado às mulheres brasileiras vítimas de violência doméstica nas publicações. A metodologia inclui pesquisa bibliográfica, a análise de narrativas dos grupos focais feitos em Belo Horizonte e a análise de conteúdo das notícias de *O Globo*. A escolha da temática justifica-se porque o Brasil, de acordo com a Organização das Nações Unidas Mulher (ONU-Mulheres), ocupa a quinta posição mundial em número de feminicídios.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero, Jornalismo, Violência, Preconceito, Comunicação.

COMMUNICATION, GENDER AND SOCIABILITY: PREJUDICE AGAINST WOMEN IN THE BRAZILIAN MEDIA

ABSTRACT: This article presents the analysis of gender bias in the Brazilian media. The study focuses on the News of violence against women in two newspapers of the country: the popular *Super Notícias* in Belo Horizonte and *O Globo* in Rio de Janeiro. *O Globo* is one of the main reference newspapers in Brazil. Both were selected for being the best sellers with circulation of 249,297 and 193,079 respectively, according to data from the Circulation Verifier Institute - IVC / 2015. The study aims is to verify the treatment of the Brazilian women victims of domestic violence in these publications. The methodology includes literature review, narrative analysis of the focus groups selected in Belo Horizonte and content analysis of the *O Globo*. The choice of the theme is justified because Brazil, according to the United Nations Women Organization (UN-Women), occupies the fifth world position in number of femicides.

KEYWORDS: Gender, Journalism, Violence, Prejudice, Communication.

1 | INTRODUÇÃO

Historicamente, a desigualdade na participação e na representação política entre homens e mulheres tem sido uma realidade no Brasil. No que se refere à violência doméstica

no país, Belisário e Biachi, (2015) apresentam alguns dados alarmantes: a cada 4 minutos uma mulher é vítima de violência doméstica, conforme pesquisa realizada pelo Instituto Avon¹. E ainda, cerca de 17 mil mulheres já foram mortas vítimas de agressões, entre 2009 e 2011, como destaca o estudo *Violência Contra a mulher: Feminicídios no Brasil*, divulgado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) em 2013².

A Lei Maria da Penha, ou Lei 11.340, criada em homenagem à uma mulher de mesmo nome, que foi espancada pelo marido e ficou tetraplégica, representa um avanço e uma forma efetiva de coibir tais crimes no Brasil. Na verdade, essa lei:

Tipifica as situações de violência doméstica, proíbe a aplicação de penas pecuniárias aos agressores, amplia a pena de um para até três anos de prisão e determina o encaminhamento das mulheres em situação de violência, assim como de seus dependentes, a programas e serviços de proteção e de assistência social. A Lei n. 11.340, sancionada em 7 de agosto de 2006, passou a ser chamada Lei Maria da Penha em homenagem à mulher cujo marido tentou matá-la duas vezes e que desde então se dedica à causa do combate à violência contra as mulheres (Conselho Nacional de Justiça³)

O presente artigo trata da análise do preconceito de gênero presente na cobertura jornalística de violência contra a mulher em dois jornais do país: o jornal popular *Super Notícias* de Belo Horizonte, e *O Globo* do Rio de Janeiro, um dos principais jornais de referência do Brasil. Estes dois jornais foram selecionados por serem os mais vendidos, com circulação de 249.297 e 193.07, respectivamente, conforme dados do Instituto Verificador de Circulação - IVC/2015.

Constata-se que o preconceito está presente nas narrativas midiáticas, que, de modo geral, naturalizam a violência doméstica e os estupros cometidos contra as mulheres, considerando a vítima, e não o agressor, sempre culpada pelo crime cometido. Constata-se que o preconceito está presente nas narrativas midiáticas, que, de modo geral, naturalizam a violência doméstica e os estupros cometidos contra as mulheres, considerando a vítima, e não o agressor, sempre culpada pelo crime cometido.

A metodologia aqui utilizada neste artigo inclui pesquisa bibliográfica com autores de gênero e discurso, a análise das narrativas a partir da observação participante e o grupo focal, realizados, em 2013, na região de Contagem, Grande Belo Horizonte, com leitoras do popular *Super Notícias*, parte integrante da tese de doutorado da autora deste artigo. Apresentamos, ainda, a análise de conteúdo de notícias publicadas no jornal *O Globo*, em 2016.

1. <<http://www.eracilada.com.br/2013/11/a-cada-4-minutos-uma-mulher-e-vitima-de.html>> Acesso em 22 de Fevereiro de 2015

2. Fonte: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_alphacontent> Acesso em 23 de fevereiro de 2015.

3. Conselho Nacional. Disponível em <<http://www.cnj.jus.br/programas-e-aco-es/lei-maria-da-penha/sobre-a-lei-maria-da-penha>>. Acesso em 23/08/2015

2 | GÊNERO E DISCURSO

Os estudos de gênero começaram no início do século XIX e eram caracterizados pela reivindicação do direito ao voto e participação política. No período entre 1960 e 1980, o feminismo foi consolidado como fala, reivindicando o fim da discriminação de sexo. Simone de Beauvoir é a principal representante deste período. Do ponto de vista de Beauvoir (1980) destaca a condição de inferioridade imputada ao sexo feminino como um constructo social e histórico.

O feminismo contemporâneo teve início nos anos 1980. Judith Butler é a principal referência desse período. Butler (2015) desconstruiu o conceito de gênero já que para ela há uma “ordem compulsória” na sociedade que requer consistência de sexo, gênero e sociedade, ou prática heterossexual. Ela questiona o fato de que sexo seja estrutural e dado sem nenhum questionamento.

Para a socióloga brasileira Heleieth Saffioti (2004), o conceito de gênero diverge do de patriarcado. O gênero acompanharia a humanidade desde sua existência, enquanto o conceito de patriarcado é recente e, após a industrialização. Para a autora, o patriarcado representa a desigualdade e a opressão, que deve ser mudada. Ela atribui à feminista Joan Scott, a importante reflexão de que as relações de gênero estão imbricadas a relações de poder.

Saffioti lembra que na sociedade em que vivemos, existe uma naturalização da violência e uma tolerância e até um certo incentivo da sociedade para que os homens possam exercer sua masculinidade.

Já, Donna Haraway (1995) questiona o papel das tecnologias na perpetuação da visão rotulada de gênero: “Tecnologias são práticas habilidosas. Como ver? De onde ver? Quais os limites da visão? Ver para quê? Ver com quem?” (HARAWAY, 1995, p.28). Ela trata particularmente da falácia de objetividade na mídia e dos velhos discursos, que particularmente nos interessa neste artigo. A brasileira Flávia Biroli (2008) fala da presença de visões estereotipadas de gênero que colocam a mulher em uma posição periférica.

Na visão de Bakhtin (1992) todo discurso desenvolve uma relação valorativa com o objeto. Assim, não existe um enunciado neutro, ele será sempre bem-dito, mal-dito, ou não-dito.

Os enunciados bem-ditos, especialmente quando escrito, são produzidos dentro da padronização da língua portuguesa. Existe a recomendação de que sejam objetivos, claros e conclusos (...). Os enunciados mal-ditos são elaborados com vocabulário singelo e coloquial (ROMAN, 2009, p. 131).

Já os enunciados não-ditos são “enunciados interditados que fazem parte da repressão” (ROMAN, 2009, p.130). No caso, da violência contra a mulher, nota-se uma prevalência desta modalidade de discurso sobre os demais.

3 | ANÁLISE DO PRECONCEITO NO *SUPER NOTÍCIAS*

O *Super Notícias* é um jornal popular, tablóide com custo de R\$0,25 o exemplar. Ele é atualmente o de maior circulação no Brasil, com 249.297 jornais em circulação, de acordo com Instituto Verificador de Circulação (IVC/2015). A sede do jornal fica na Estação Eldorado, em Contagem, na Grande Belo Horizonte. É parte integrante da Sempre Editora, que pertence ao empresário e ex-deputado federal (PSDB) Vittorio Mediolí. A editora publica o *Super Notícias*, a Revista *Super TV* e os jornais *O Tempo*, *Pampulha*, *O Tempo Betim*, *O Tempo Contagem*, todos da região metropolitana da capital mineira.



Figura 1- “Mata a ex-mulher ao flagrá-la com outro”

Fonte: -Super Notícias, 21 de Agosto 2012

Página: 3 parte inferior

Seção: Norte de Minas

Título: HOMEM FLAGRA EX COM OUTRO E A ASSASSINA

Autora: Mábila Soares

“Flagrar a ex-mulher em momentos íntimos com outro levou um homem a uma atitude extrema na zona rural de Olhos D’Água no Norte de Minas, anteontem. Segundo a Polícia Militar (PM), Jean Carlos, de 21 anos matou Marli Santos, de 18 anos, a tijoladas e garrafadas. O suspeito conseguiu fugir e está foragido. O homem que estava com Marli também foi agredido, mas conseguiu escapar de ser morto. Ele se escondeu em um matagal após ser atacado com uma garrafa de cerveja pelo suspeito. A vítima teria contado à PM que estava tendo relação sexual com Marli sobre o tanque de lavar roupas quando os dois foram surpreendidos por Jean Carlos. Pedacos de tijolos e garrafas foram encontrados próximos ao corpo da vítima sujos de sangue. Testemunhas informaram à PM que Marli e Jean Carlos viviam juntos havia vários anos, mas no último sábado, durante uma festa, brigaram e resolveram se separar. Segundo familiares, os dois se desentendiam constantemente. Os parentes disseram que a mulher deixou dois filhos, um de dois anos e outro de seis meses.”

Observamos nesta notícia, escrita por uma jornalista mulher, que o protagonista é um homem, 21 anos, chamado Jean Carlos, que flagra a ex-mulher, Marli Santos, 18 anos, com outro homem em local inusitado: no tanque de lavar roupas. A notícia começa mostrando como é constrangedor para a honra de um homem flagrar a “ex” em momentos íntimos com outro, um posicionamento que justifica e naturaliza a atitude de Jean Carlos, mesmo se tratando da sua ex-mulher. Vejamos os trechos:

(1) “Flagrar a ex-mulher em momentos íntimos com outro levou um homem a uma atitude extrema na zona rural de Olhos D’Água no Norte de Minas, anteontem.”

(2) “Segundo a Polícia Militar (PM), Jean Carlos, de 21 anos matou Marli Santos, de 18 anos, a tijoladas e garrafadas.”

(3) “Pedacos de tijolos e garrafas foram encontrados próximos ao corpo da vítima sujos de sangue.”

Na verdade, o agressor atinge a ex-mulher com tijolos e garrafas, mas a atitude dele é classificada como “extrema”. Quanto ao uso de elementos gráficos, o título está em caixa alta, mas na cor preta, apesar de o crime ter sido igualmente violento e de o sangue da vítima ter sido encontrado nos tijolos e garrafas que a atingiram. Portanto, houve uma ação direta do agressor e, nem por isso, foi utilizado o mesmo tipo de tipografia.

Um bloco de texto, em bege claro, tem o título “Acusado brigou em festa” com letras vermelhas, novamente, podemos associar a escolha da cor ao sangue. Nele, reporta-se que antes de cometer o assassinato, Jean brigou com Marli em uma festa e que quase o atropelou um homem com quem também brigou, com uma moto. Em seguida, a matéria

informa que Jean fugiu para a casa de Marli e a flagrou tendo relações sexuais com outro. Enciumado (justificativa), a matou a garrafadas e tijoladas. O homem que estava com ela está foragido.

Um detalhe importante é que o corpo da vítima só foi encontrado pelo seu tio, por volta de sete horas do dia seguinte, o que parece estranho, tendo em vista a violência do crime, sendo que provavelmente houve gritos, mas não houve interferência dos vizinhos cujas falas foram reportadas. Observemos os excertos que seguem:

(4) “Testemunhas informaram à PM que Marli e Jean Carlos viviam juntos havia vários anos, mas no último sábado, durante uma festa, brigaram e resolveram se separar.”

(5) “Segundo familiares, os dois se desentendiam constantemente.”

(6) “Marli foi encontrada morta pelo tio dela, por volta das 7 h, vestindo apenas uma blusa.”

Quanto à narrativa, a matéria selecionada privilegia o cotidiano, o local, o crime de proximidade e uma estreita relação com a morte. No caso desta notícia uma série de “não-ditos” e de ditos explicitamente constroem a desvalorização da mulher e “naturalização” desta situação.

A cena do crime, passado da narração, é reconstituída pelo amante foragido, que fez uma revelação preciosa para o jornal: ele e Marli estavam tendo relações sexuais no tanque de lavar roupas quando flagrados. Aqui, o uso de uma linguagem coloquial que faz uso da obscenidade, um “mal-dito”. Tanque de lavar roupas? Uma declaração sobre a intimidade e a vida privada da vítima, um detalhe picante, que mexe com o nosso imaginário: como foi isso? Não foi dito.

A observação participante e grupos focais foram realizados, em agosto 2013, na Estação Eldorado, região de Contagem, Grande Belo Horizonte, como parte da minha tese de doutorado, defendida na Universidade de Brasília em 2014. Nas conversas informais e nos grupos focais com leitores deste jornal popular, a violência contra a mulher é, de modo geral, encarada como culpa da própria vítima que usa roupas curtas, decotes e estimula a violência.

No grupo focal específico com mulheres feito em Contagem foram observadas narrativas do medo da violência sexual. Acostumadas à essa realidade patriarcal de violência, refletida na obra de Saffiotti (2004), elas naturalizam a violência vivenciada em suas relações cotidianas. Vejamos algumas falas:

Inês: ‘A gente tem filho e precisa saber pra conversar com os filho da gente, né? Oê fica mais em casa e evita’.

Lúcia: ‘Lá em Neves é muito perigoso, tem muito crime, então minhas filha não saem muito. Ficam dentro de casa. Eu não interesso por ler sobre crime não’

Rita: Eu leio sobre crime no *Super* porque ocê fica mais atenta, sabe os lugares onde tem crime, ai você evita, fica mais em casa’.

Paula: Se você se informa dá pra evitar aquele lugar. Igual no meu bairro, lá tá muito perigoso. O bairro de Nova Contagem, onde moro, é muito perigoso e todo dia está no Super’

Rita: ‘com certeza o maior medo da mulher é o de estupro’.

Paula:’ É, já tentaram roubar minha bolsa duas vezes e eu sempre reajo. Meu medo é disso, o cara veio na moto e tentou roubar minha bolsa e eu reagi. O problema é fazer maldade com a gente. Se matasse, não tinha problema, o problema é fazer maldade com a gente, deixar trauma. É muito perigoso mulher dá bobeira à noite .

Rita: ‘O problema é o trauma, uma gravidez indesejada, você nem consegue casar. Uma vez passou um cara de moto a noite e veio na minha direção. Eu peguei o celular. Ele veio três vezes, mas eu estava perto do portão de casa. Morri de medo” (BELISÁRIO, 2014)

Dessa forma, as falas só confirmam a situação de violência vivenciada, o medo do estupro, da gravidez indesejada, o trauma presents na vida das mulheres da região de Contagem, Minas Gerais.

4 | ANÁLISE DO PRECONCEITO EM O GLOBO

O Globo é um jornal diário de notícias brasileiro, com sede no Rio de Janeiro, e circulação nacional. Trata-se de um dos jornais de referência no Brasil, fundado em 29 de julho de 1925 por Irineu Marinho e depois sob o comando do filho, Roberto Marinho, em 1931. É integrante do Grupo Globo, de propriedade da família Marinho, que inclui a Rede Globo (Televisão) e a Rádio Globo.

Este jornal impresso tem a segunda maior circulação no país, de acordo com dados dos Instituto Verificador de Circulação (IVC/2016) com, circulação de 193.079 jornais, ficando atrás somente do popular Super Notícias, de Belo Horizonte. Vejamos algumas notícias que mostram como este jornal costuma tratar casos envolvendo violência contra as mulheres.

Em novembro de 2006, no Município de Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, uma mulher foi sequestrada. Ela foi arrastada pelos cabelos, obrigada a entrar em um ônibus e mantida refém pelo seu ex-marido que, com uma arma apontada para sua cabeça, a espancou e ameaçou de morte. Segundo Carreteiro e Mattar (2008) a violência praticada no espaço privado passa a ser transmitida em cadeia nacional e ocupar as manchetes dos principais jornais na manhã seguinte e ocupar o espaço público.

A imprensa noticiou o fato usando a expressão sequestro. Esse termo tem como sentidos etimológicos: isolar, insular, tomar com violência. Pensamos que o sequestro em pauta permitiu dar visibilidade a outro sequestro, maior, aquele que mantém no insulamento do privado a violência conjugal. Pelos textos da imprensa escrita, podemos acompanhar algumas falas e opiniões sobre o sequestro. Destacaremos trechos dos jornais *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *Extra* e *O Dia*, tentando mostrar como as falas, seja dos passageiros envolvidos, ou de policiais, jornalistas e especialistas chamados a opinar, ora promovem a intimização do fenômeno da violência conjugal contra a mulher, ora exigem que seja pública por meio de medidas institucionais mais eficazes (CARREIRO; MATTAR, 2008)

Na análise das notícias as autoras dividiram as falas entre: falas do íntimo e as falas do público. Observaram que as falas do íntimo exploram o íntimo da relação homem e mulher, descritas como “tragédia passional, causado pelo fim do casamento”. O ciúme, a desconfiança, a paixão, o amor, surgem como explicação para o crime. A suspeita de traição e o ciúme são justificativas para a agressão do marido.

Por outro lado, as falas do público são enquadradas como crime, e não problema conjugal. Trata-se, portanto, como questão pública e que diz respeito a todos. Pode ser vista ainda como uma questão política. Dessa forma, podemos colocar a análise sob a seguinte perspectiva:

Falas do Íntimo/Justifica o crime	Falas do Público/Trata como Crime
Ciúme	Crime
Desconfiança/ Suspeita de Traição	Questão Política
Paixão	Necessidade de prevenção policial
Amor Romântico e Destrutivo	Necessidade de discussão Pública
Tragédia Passional	Necessidade de intervenção institucional

Tabela I - Análise da Violência Conjugal

Fonte: Autora deste artigo baseado no artigo “Marcas do amor romântico e violência conjugal: uma análise a partir do sequestro do ônibus 499” de Teresa Cristina Carreiro e Cristine Monteiro Mattar (2008)

Vejamos agora, como o Globo noticiou um estupro coletivo de uma jovem de 16 anos, moradora de uma favela da zona Oeste do Rio de Janeiro, ocorrido em maio/2016. Esse acontecimento teve repercussão internacional e chocou a sociedade brasileira.

Para efeito deste artigo, serão analisados o título e o lead (primeiro parágrafo) da notícia.

Adolescente luta para superar trauma de estupro coletivo na Praça Seca
Jovem de 16 anos foi violentada por mais de 30 bandidos, que ainda divulgaram vídeo

Por Carin BACELAR, GUILHERME RAMALHO E CARLA ROCHA

27/05/2016 9:15 / atualizado 27/05/2016 15:18



Figura 2 -A menor de idade que foi vítima de estupro coletivo deixa o Hospital Souza Aguiar, acompanhada da mãe

Foto : Gabriel de Paiva / Agência O Globo

“RIO - Com o corpo trêmulo, ela anda amparada. A mãe procura acalmá-la. Em vão. Agitada, aparentemente sem conseguir controlar os braços, ela tenta o tempo todo se desvencilhar, como se quisesse fugir de tudo. De todos. Num lapso, se solta por um minuto e desaba no chão, com olhos sem esperança, em choque. A menina sem nome, de 16 anos, parecia na quinta-feira uma senhora idosa, derrubada pelo pior capítulo de uma vida sem rumo, entre bailes funk e um tanto de droga, em que afundava mágoas antigas. Antes que o futuro pudesse surpreendê-la, superando um passado que já lhe deixara um filho de 3 anos em seu colo infantil, a realidade foi mais rápida e cruel. A menina sem nome, que só tem o anonimato exigido por lei a protegê-la, foi estuprada por mais de 30 homens, numa favela na Praça Seca”.

Na notícia, escrita por duas mulheres e um homem, e publicada no Jornal *O Globo* em 27 de maio de 2016, observamos uma tentativa de solidarizar com a vítima, uma desvalorização da condição feminina. Vejamos:

(1) “A menina sem nome, de 16 anos, parecia na quinta-feira uma senhora idosa, derrubada pelo pior capítulo de uma vida sem rumo, entre bailes funk e um tanto de droga, em que afundava mágoas antigas. Antes que o futuro pudesse surpreendê-la, superando um passado que já lhe deixara um filho de 3 anos em seu colo infantil, a realidade foi mais rápida e cruel”.

Neste trecho, verifica-se claramente uma tentativa de desmoralizar, de desqualificar a moça, que, segundo descrito, tinha uma vida sem rumo, frequentava bailes funk e era usuária de droga. No caso, mais uma vez, não é dito (não-dito), mas a vítima estava sujeita à violência em função do seu modo de ser, dos seus hábitos cotidianos como frequentadora de bailes e, ao mesmo tempo, usuária de droga. Ela é, em síntese a principal responsável pela agressão, e não os 33 agressores, que inclusive filmaram a agressão. Há uma justificativa moral para o crime cometido.

Além disso, a notícia insinua um preconceito à jovem, considerada “idosa” (“parecia uma senhora idosa”) e ao passado da vítima, que já é mãe de uma criança de 3 anos com apenas 16 anos de idade. A alusão à aparência de idade da moça mostra, nas entrelinhas, que não se trata de uma menina ingênua e de pouca vivência, mas, ao contrário, de uma experiente “mulher de programa”, ou prostituta, velha no ofício e mãe aos 16 anos. Uma explicação para a atitude impiedosa dos criminosos.

Mais uma vez, a mídia mostra um discurso que explora a vida íntima da vítima e a expõe aos comentários maliciosos tanto dos jornalistas quanto do público leitor. Mais uma vez, o papel da imprensa se enquadra mais na exploração da intimidade do que na denúncia de crimes cometidos contra mulheres brasileiras, sobretudo as mais pobres e mais vulneráveis da nossa sociedade.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A situação de vulnerabilidade da mulher brasileira está presente tanto nas estatísticas, como na mídia. O preconceito está estampado no cotidiano, na vida real e nas manchetes dos principais jornais do país.

Neste artigo foi possível observar como isso acontece em dois jornais de maior circulação no Brasil: o popular *Super Notícias* e o tradicional *O Globo*. As notícias selecionadas envolvem feminicídio, brigas conjugais e estupro. Todas envolvem violências cometidas contra mulheres brasileiras das classes C e D, justificadas por honra masculina, ciúmes, desconfiança, paixão e amor. É a “naturalização” do crime cometido contra a mulher; a percepção da mulher como objeto pertencente exclusivamente ao domínio masculino.

Constata-se, tanto do ponto de vista jornalístico, quanto do dos leitores, que a vítima, e não o agressor, é a principal responsável pelo crime cometido. Com essa visão, não é surpreendente o fato do Brasil ocupar a quinta posição mundial em número de feminicídios de acordo com a Organização das Nações Unidas para as Mulheres (ONU-Mulheres).

Uma reflexão para os profissionais de mídia, para os responsáveis pelas políticas públicas brasileiras e enfim, para toda a sociedade do nosso país.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. (1992). **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BELISÁRIO, Katia Maria. **De Chicago a Contagem: Páginas do Cotidiano do popular mais lido no Brasil**. Tese de doutorado defendida na Universidade de Brasília, 2014.

BELISÁRIO, Katia Maria; BIACHI, Mariangela. **A cobertura Jornalística da Violência contra as Mulheres: Denúncia ou “Naturalização”?** Brasília: Compós, 2015.

BIROLI, Flávia. (2009). **Gênero e política no noticiário das revistas semanais brasileiras: ausências e estereótipos**. *Cadernos Pagu*, v.34, 269-299, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2010

BUTLER, Judith **Gender as Performance: An Interview with Judith Butler**. *Radical Philosophy*, 67, Summer 1994. Disponível em: <http://www.theory.org.uk/but-int1.htm>. Acesso em: 05 de março 2006.

CARRETEIRO, Teresa Cristina; MATTAR, Cristine Monteiro. **Marcas do amor romântico e violência conjugal: uma análise a partir do sequestro do ônibus 499**. Belo Horizonte: Psicologia em Revista. V.14, número 2, 2008.

HARAWAY, D. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial**. *Cadernos Pagu*, v. 5, 07-51, 1995.

ROMAN, A. **Organizações: um universo de discursos bem-ditos, mal-ditos e não ditos**in: KUNSCH, M.M.K. (Org.) **Comunicação Organizacional: linguagem, gestão e perspectivas**. São Paulo: Editora Saraiva, 2009.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, Patriarcado, Violência**. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2004

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alteridade 44, 45, 46, 47, 49, 150

Artesanato-Consumo 105

Artesanato Maranhense 105

B

Balanço Geral 1, 9, 10

C

Canção Nova 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95

Casos 25, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 47, 64, 86, 146, 190

Charge 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103

Cinema 1, 58, 76, 159, 170, 199, 200, 204, 205, 209, 210, 211

Circuito 7, 145, 146, 149, 150, 156, 157

Circulação 19, 20, 22, 25, 28, 80, 97, 98, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 156, 157, 158

Colonialismo 44, 45, 47, 48, 49, 51, 52

Complexidade 93, 131, 149, 150, 157

Comunicação 2, 2, 7, 8, 12, 18, 19, 29, 45, 49, 51, 54, 55, 59, 70, 74, 76, 77, 78, 83, 85, 86, 87, 88, 93, 94, 95, 97, 98, 103, 104, 107, 120, 121, 123, 129, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 149, 150, 153, 155, 156, 157, 158, 205, 211, 212, 213

Comunidade 18, 84, 87, 88, 92, 113, 117, 119, 123, 124, 125, 129, 137, 175, 176, 182

Consumo 7, 14, 33, 36, 37, 42, 43, 55, 56, 57, 58, 65, 68, 105, 106, 108, 109, 110, 114, 115, 118, 122, 136, 174, 175, 176, 178

Crítica Ideológica 199, 200

Cultura Local 83, 84, 85, 114

D

Design 105, 106, 107, 108, 109, 114, 115, 116

Discurso 1, 2, 3, 4, 5, 9, 10, 11, 12, 20, 21, 28, 45, 50, 52, 58, 60, 62, 64, 96, 97, 99, 100, 102, 103, 104, 122, 141, 204, 206

Distopia 199, 200, 203, 209

Documento Especial 1, 9, 10

E

Educação Financeira 174, 175, 176, 177, 181, 182, 183

Educação Infantil 174, 175, 176, 177, 179, 181, 182, 183
Ensino 87, 103, 117, 119, 174, 175, 176, 182, 184, 185, 187, 198
Entrevistas 14, 55, 56, 62, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 81, 85, 106, 112, 114
Epistemologia Genética 184, 185
Estratégias 2, 11, 70, 81, 99, 143, 154, 184, 186, 191, 195

F

Facebook 96, 97, 100, 101, 102, 103, 131, 137, 139, 148, 151, 152, 153, 154, 162
Festival de MPB 70
Formação Discursiva 1, 4, 5
Fronteira 29, 44, 45, 49, 50

G

Gamificação 174, 176, 179, 181, 182
Gênero 19, 20, 21, 29, 96, 97, 98, 99, 103, 110, 121, 138, 205, 209, 210
Globalização 44, 48, 49, 83, 84, 85, 106, 121, 130

H

História Oral 70, 71, 72, 73, 74, 81, 82

I

Ideologia 2, 61, 99, 122, 199, 200, 203, 204, 207, 208, 209, 210, 211, 212
Interação 2, 84, 97, 98, 110, 114, 121, 132, 133, 139, 141, 145, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 157, 174, 185, 186

J

Jogo de Regras 184, 186, 187, 198
Jornalismo 7, 14, 16, 19, 47, 49, 50, 51, 54, 76, 78, 79, 80, 91, 92, 93

M

Maioridade Penal 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103
Memória 55, 59, 69, 70, 71, 73, 81, 82
Mídia 1, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 21, 28, 29, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 53, 54, 71, 91, 95, 96, 97, 98, 99, 115, 117, 118, 119, 123, 129, 132, 136, 137, 139, 143, 144, 211, 213
Mórmons 55, 59, 60, 66

O

Ordem do Discurso 1, 11

P

Pesquisa-Ação 117, 118, 119, 124, 129, 175, 183

Plataformas 138, 145, 146, 149, 150, 151, 152, 155, 156, 157

Preconceito 19, 20, 22, 25, 28, 139, 141

Prevenção de Saúde 13

Produção de Imagem 117

Publicidade 42, 88

R

Rádio 1, 25, 76, 78, 80, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95

Redes Sociais 93, 96, 97, 103, 104, 125, 131, 132, 133, 136, 137, 138, 139, 141, 142, 143, 146, 148, 151, 153

Regionalismo 83, 84, 86, 90, 92, 93

Religião 48, 55, 56, 58, 61, 62, 63, 64, 66, 68, 94, 102

Revista “Intervalo” 70, 74

S

Saúde 13, 14, 15, 16, 17, 18, 45, 60, 89, 120, 154, 178, 181

Sétima Arte 199

Sexismo 30, 38, 41, 42, 43

Simultaneidade 184, 187, 188, 189, 190, 191

Sucessão 184, 187, 188, 189, 190, 191, 192

T

Telejornalismo 13

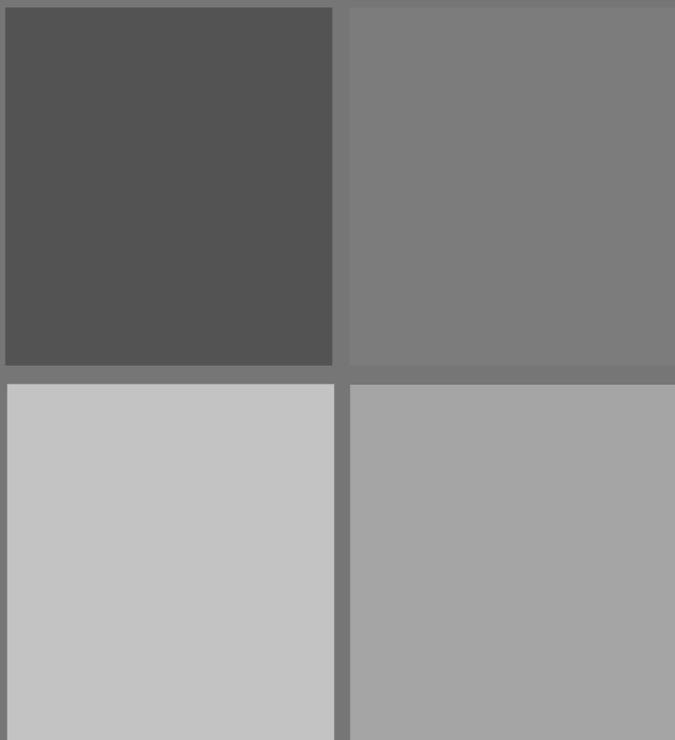
Televisão 1, 2, 5, 8, 9, 11, 14, 25, 70, 71, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 94, 111, 143, 155

V

Vaza Jato 145, 146, 149, 151, 152, 155, 157

Violência 9, 10, 19, 20, 21, 24, 25, 26, 28, 29, 49, 51, 103, 119, 120, 124

O Imaginário Mágico nas Ciências da Comunicação



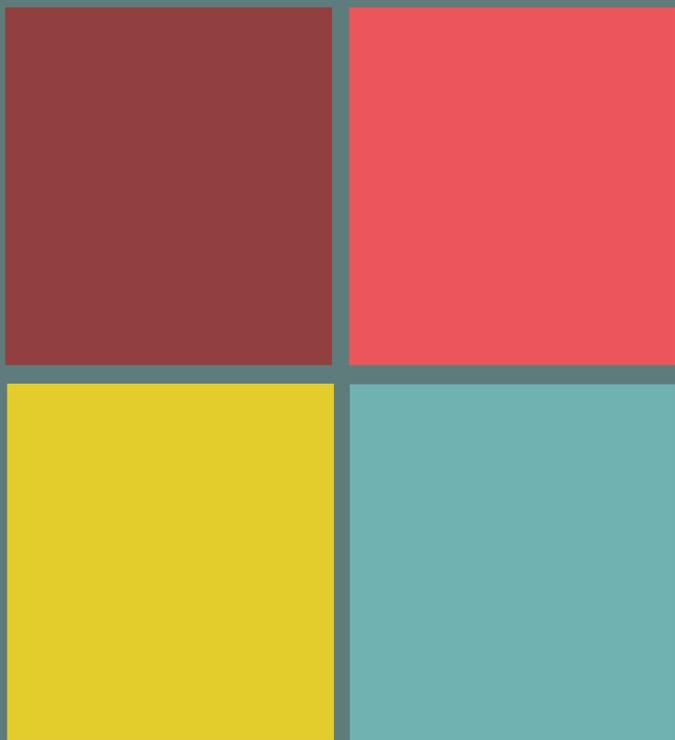
www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

O Imaginário Mágico nas Ciências da Comunicação



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 